

Cinema de Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia

2 - Julho - 1966

"A Noite do Massacre"

("La lunga notte del '43")

FICHA TÉCNICA

Realização — Florestano Vancini

Argumento — Giorgio Bassani

Roteiro — Pier Paolo Pasolini, Ennio de Concini e Florestano Vancini

Fotografia — Carlo di Palma

Música — Carlo Rustichelli

Interpretação — Gabrielli Ferzetti, Gino Cervi, Belinda Lee, Andrea Checchi, Enrico Maria Salerno

Produção — Ajace-Euro Internacional Filmes, 1960

Florestano Vancini estreou na longa-metragem com "A noite do massacre": estava com 36 anos, fizera cerca de quarenta curtas-metagens e servira como assistente de Mário Soldati e Valério Zurlini. Pois esta é a regra européia, começar cedo na realização de uma exceção.

Nascido em Ferrara, foi para um drama de sua cidade, ocupada pelo fascismo e pela guerra, que recorreu como fonte temática.

Houve, realmente, em Ferrara, no ano de 1943, uma noite do massacre. Executada pelas hordas de Mussolini. Sobre ela escreveu um livro Giorgio Bassani. E Vancini, tendo como principal colaborador Pier Paolo Pasolini, tão grande cineasta hoje ("Accatone" e "Il vangelo de San Matteo", infelizmente sem distribuição normal no Brasil) quanto sempre grande escritor, transportou-o para o cinema.

"La lunga notte del '43" inscreve-se, assim, entre os filmes históricos. Mas, nem por contar um acontecimento de há 23 anos, um episódio real, perde em contemporaneidade: além do fascismo não estar de todo morto, continuar fazendo vítimas como a guerra e todos os regimes de intolerância, na fita de Vancini há um estilo de narração que põe o passado no presente.

Já não será o neo-realismo. Os mais novos cineastas italianos — um Vittorio de Seta, um Francesco Maselli, um Ermanno Olmi, um Elio Petri, um Francesco Rosi, um Valerio Zurlini —, a exemplo de Vancini e Pasolini não desprezam a contribuição estética do neo-realismo, dela se aproveitam, mas vão adiante. Têm uma exigência formal mais aguda, uma perquirição problemática mais densa na descoberta das origens. Às vezes, ensaiam um despojamento estilístico tão absoluto que chegam a enganar os desconhecedores da mise-en-scène cinematográfica, estes pensando em canhesticismo quando há habilidade. Por outras vezes, tentam um requinte de imagens que também engana os simplesmente fascinados pelo virtuosismo, a julgarem que existe uma *écriture artistique* quando há adequação entre linguagem e tema. Como em Florestano Vancini. O mérito formal maior de "A noite do massacre" está precisamente em nos convencer da autenticidade da estória, convertendo-a em história, sob a justificação de sermos testemunha do fato. Pois este, dentro do filme, com um senso admirável do real, se passa diante de nós. Vancini nos situa na condição de espectadores do histórico. Daí, a participação do público, tomando posição em face do episódio. Ele nos faz anti-fascistas.

— Acompanham "A noite do massacre" dois curtas-metagens poloneses internacionalmente premiados: "Mamíferos" e "A poltrona". Gentileza do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

9/7 — "Desejos ardentes", de Alf Sjöberg

16/7 — "Cidade nua", de Jules Dassin